

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 2 DE SETEMBRO DE 1893

KXPEDIKNTK:

Assigntura annual.	120000
" semestral	75000
Numero avulso.	8200
" atozado	8300

SUMMARIO. — Historia dos sete dias — J. do Egypto; Questão scientifica. — Dr. S. Lima; Medallhões de actizes (Sarah Bernhardt) V. Mendes; Chronica dos livros. — R. Octavi; Lien-Hoa — L. Rosa; Theatros. — Flaminio e P. Talma; Paiza gum africana. — A. de Azevedo Sobrinho; Factos e n. Gênes; Corcio. — Emerico.

Historia dos sete dias

A chuva é boa. É necessaria; menos talvez para dessedentar a terra e dar sangue ás plantas que para queimar a monotonia do sol; mas necessaria, em summa.

É uma boa amiga de Morpion e de Mercurio. É quando as bategas rufam nas tellas e nas vidraças que o somno sabe melhor e mais appetee a busca em familia.

Mas uma semana inteira de chuva é chuva de mais. No Rio de Janeiro, entenda-se. Fora d'elle, dizem pessoas que têm perambulado a Europa, o tempo chuvoso não impede os divertimentos, as visitas, a vida mercantil nem a mundana.

Comprehende-se; lá o carro é barato e bons os calçamentos.

Mas aqui, o carro é, além de archi-carro, ultra-incommodo.

Tem-se, andando nelle, a sensação constante do barbaio passatempo chamado "montanhas russas"; quando se sahe do bojo desse instrumento de supplicio tem-se além dos rins moidos um aggravamento da gastralgia de que todos temos a fortuna de soffrir nesta formosa Dispepsyópolis.

Sei que ha o recurso do bonde. Mas o bonde tem a desvantagem fundamental de só andar sobre os trilhos, de não nos levar aonde queremos, mas aonde quer a linha do seu trajecto; depois, é uma continuação da ducha que tomamos pela manha.

Resta ir a pé. É o mesmo que estava ao Dante no seu passeio pelo Inferno — o circulo da lama.

A cidade é toda um lamaçal.

Os sapatos e as botas, que o lodo encrostou densamente, lavam-se nas poças profundas das calçadas para mais adiante tomarem novas bolas de tijoco.

Lama negra, selbosa, feita de sabão e tinta typographica, que se estende por toda a cidade, em todas as ruas. Os transeuntes patinham, escorregam, empocalham-se, eu-defluxam-se, pneumonizam-se.

É ignobil e selvagem. Quando teremos calçamento? quando será transitavel esta

cidade em dia que o céu lacrimeje? Creio que nem as ruas dos bairros pobres de Peking nem as do Cairo antigo se igualam ás nossas nesse triste particular. A cidade do Rio de Janeiro tem a gloria de ser uma das mais sujas do globo.

O largo do Paço é o que se conhece de mais completo como esterquilino. O estrangeiro apenas desembarca no horrivel cães Pharoux e dá com os olhos naquelle quadro, convence-se immediatamente de que vae ter a "amarella", e é que a tem mesmo.

A nossa bella capital é um verdadeiro queijo Gruyère. Este queijo tem a singularidade de ser feito só de buacos, o que o não impede de ser muito saboroso. Neste ponto é que a cidade não se parece com elle: é toda buacos, sim, mas não sabe a nada sujar-se a gente nelles.

É de esperar que o digno e activo Sr. Prefeito, considerando que de lodo já nós fomos feitos e tudo é lodo no homem, no corpo e na alma, decida-se a estudar os meios de tirar a estacidade a causa unica de não ser a mais salubre do universo — o desaccio.



Outra coisa útil: é vir da Segunda-Feira ao sabbado, isto é: ao largo de S. Francisco de Paula no hord das dez horas da noite.

Fiz hontem essa viagem e ganhei com elle, como lhes vou contar.

Ali pelas alturas da quarta-feira entraram no carro quatro cidadãos — dois fardados de officiaes da Guarda Nacional, generacs ou consa que o valha, e dois paisanos, mas que pelo ar marcialissimo deviam ter igual patente.

Entraram a conversar e eu a fugir que dormia. Abriam-se em queiximes. Lamentava um a desigualdade com que era a lei da Guarda distribuida, de modo a tornala uma cousa séria e severa para uns e para outros, para "os meninos bonitos" uma brincadeira.

Outro chorou sobre os dinheiros que se via forçado a verter em repetidas "facadas" de inferiores — ora a mulher doente, ora um filho a queirar, um par de sapatos a este, um par de botas áquelle, etc.

Por ultimo confabularam acerca dos exercicios. Ali é que foi o lindo!

— Já estou cansado de repetil-o; exclamava um dos guerreiros, com autoridade. Os exercicios com bonecos de chumho (*sic*) não dão resultado. Aquillo entra por um ouvido e sae pelo outro. Exercicios é no campo, com as praças.

Dei um pulo no banco. Elles olharam-me. Eu resmunguei, sorrindo:

— Eu estava sonhando com o grande Napoleão e acordei espantado por uma bomba. Desculpem...

A revellação fóra terrivel.

E até ao sabbado e até á cama e até agora não me sae da imaginação o espectáculo de um exercicio da Guarda Nacional.

Vejo tudo, "de mes yeux vu." Na sala estreita do quartel uma grande mesa ao cen-

tro. Em volta os officiaes, fardados. Um coronel, de espada desembainhada, comanda o exercicio.

— Cerrar fileiras! Irrada.

É um sargento junta os soldados de chumho.

— Bem! Dividir columnas!

É um capitão executa a ordem.

— Ordinario marche!

Como os soldados não são machinados, os officiaes em volta da mesa, marcham... com a bocca: — "piá, cá, tá, pá; piá, cá, tá, pá..." Mas o coronel, de repente:

— Entrem mais dois batallhões, o 12 e o 13.

Um major destampa e despeja sobre o "campo" duas caixas redondas de soldados, que ficam nus sobre os outros. Mas o coronel, impaciente:

— Então? em linha de fogo, vamos!

— Já vae, coronel, estou arrumando elles; responde o major.

É, durante isso, as praças, em suas casas, ou a passeiar pelas ruas! É o militarismo por suggestão. As manobras são feitas com soldados de chumho, mas transmitidas telepaticamente aos de carne e osso.

Mens cumprimentos ao Sr. marechal Malvino Reis.



LOHENGRIN foi o grande acontecimento e o assumpto grande da semana.

Cantada como aqui fóra, ha nove annos, considerava-se não ouvida ainda a famosa opera de Wagner.

Por isso enorme era a expectativa na noite de 28 do passado. Tambem lá estive. Onvi, gostei e dormi.

Dorme, sim. Para que hei de mentir? Prefiro que me lavrem logo o diploma de estúpido. Porque dormi? Pela mesma razão: porque dormem as criancas quando as mães e as amas lhes cantam nma cantilena muito doce, muito doce e muito longa, muito longa...

Aquillo é sublime, é musica do ceu, de um mysticismo ethereo; mas, por isso mesmo, prolongando-se, dá somno.

Duetos de tres quartos de hora! O primeiro quarto delicia-nos, o segundo delicia-nos ainda, mas a attenção vae-se fatigando: o terceiro adormenta e o espectador boccja e cochila.

Sei que aquella musica é tudo o que ha de mais scientifico na arte de Euterpe, que é o substracto da perfeição na harmonia e no contraponto; sei; mas o bonito e o original seria que, sendo tudo isso, não fizesse dormir.

Volto ao LOHENGRIN voltarei sempre que se cantar. Se o acho sublime, se me acalenta, se me adormece deliciosamente, como um côro de serafius!

Wagner é grandê e Mancinelli o seu propheta!

JOSE' DO EGYPTO.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Illmo. Sr. Director d'A SEMANA.

Respondendo á vossa consulta pedindo a minha opinião sobre a combustão humana espontanea, tal como a descreveu Emile Zola no seu recente romance *Le Docteur Pascal*, cumpre-me declarar-vos o seguinte:

Comquanto se devesse entender por combustão humana espontanea a que podesse ter lugar independente de toda a provocação pelo contacto de uma substancia em ignição, applica-se todavia essa expressão aos pretendidos casos em que a inflammação e destruição dos corpos pelas chammas são attribuidas a esse contacto comburentes, augmentada ou favorecida a sua combustibilidade pela impregnação de uma substancia dotada desta propriedade, como o alcool, e pela superabundancia de tecido adiposo (grado).

Ora, a primeira interpretação é absolutamente inverosimil e inadmissivel; póde-se dizer com Legrand du Saullès, que a expressão—combustão *espontanea*, é defeituosa e erronea, porque não ha um só exemplo registado na sciencia de corpo humano que se tenha inflammado e consumido pelas chammas *espontaneamente*.

Casper é ainda mais incisivo sobre este assumpto, quando diz "que afflige vér n'este seculo, em uma obra séria, falar-se ainda d'esta fabula de combustão espontanea, que ninguém viu, que não repousa senão sobre historias de jornaes, e que é contraria ás leis da physica."

Taylor assemelha essa hypothese extravagante ao producto de feitiçaria e sortilégio.

Bocker declara que a combustão espontanea é fructo de phantasia de autores credulos; porque um corpo que encerra 75 por 100 d'agua não póde nem inflammarse, nem continuar a arder, quando mesmo fosse impregnado de todo o alcool que o individuo pudesse beber.

Para Krahmer esse factio é uma antiga superstição.

Wald e Tourdes dizem muito bem que a questão só tem actualmente um interesse historico, e que não temos o direito de considerar a combustão espontanea como real, nem mesmo como possivel. Tudo se limita, diz Tourdes, a verificar se a combustibilidade provocada do corpo humano, que, em absoluto, é um factio inconcusso, póde ser augmentada em certas circumstancias extrinsecas ou intrinsecas; tal é a formula scientifica

e positiva de uma questão que tem tão vivamente impressionado a imaginação do povo e que ha cerca de dous seculos impõe-se ás theorias medicas.

Entre essas circumstancias figuram de um modo geral as que concorrem para a diminuição da grande proporção d'agua que o corpo encerra (75 %), e as representadas por excesso de gordura e impregnação alcoolica, desde que para a queima d'estes principios haja accesso franco de ar e a acção sustentada de chamma extranha ou de uma temperatura elevadissima como nas condições em que se opéra a cremação dos corpos. Mais facilmente, é certo, seriam elles levados ao estado de incineração completa se ao lado de substancias combustiveis, propositalmente se lhes incorporasse principios comburentes, taes como os chloratos e os nitratos alcalinos.

Não é porém esse o caso da chamada combustão humana, mesmo não propriamente espontanea, isto é, essa que se pretende ser o resultado da applicação e contacto de um agente em ignição sobre qualquer parte do corpo, como no caso descripto por E. Zola.

E' já difficil admittir, por absolutamente contrária á observação dos factos, que uma braza calida de um cachimbo, por mais viva que seja a sua incandescencia, não estando em chamma, communique fogo ao corpo mais gordo e mais alcoolisado, por isso mesmo que seria incapaz de fazel-o, lançada sobre a propria gordura ou sobre o proprio alcool em substancia. Produziria n'aquelle caso uma queimadura limitada e apagar-se-hia.

Se o corpo é vestido de roupas leves, sêccas, facilmente inflammaveis, poderão estas ser presas de chammas e determinar queimaduras mais ou menos extensas e profundas, até que sejam as ditas roupas inteiramente consumidas. Extinctas as chammas, o corpo cessará de arder, porque nunca poderá, só pela combustão das vestes, chegar ao gráu de dessecamento que seria necessario para constituir se uma especie de isca, espontaneamente incineravel.

E' este o caso figurado na descriptção de E. Zola; a co-existencia de um punhado de cinza ao lado de uma poça de gordura derretida, como ultimos productos da combustão do infeliz Macquart pela braza de um cachimbo, é um arrojio de imaginação só permittido ás phantasias de um romancista.

Tal é sobre o assumpto da consulta a minha opinião da qual podeis fazer o uso que vos convier.

DR. SOUZA LIMA.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

I

SARAH BERNHARDT

Em ella entrando, a scena se illumina,
Do seu talento á poderosa chama.
Tem poemas de amor na voz divina
E em cada gesto e em cada olhar um drama.

O porte senhoril de nobre dama,
De uma esculptura vigorosa e fina,
Em torno o encanto e a seducção derrama,
Como formosa e angusta cesarina.

Naquelle peito fragil toda a escala
Estúa das paixões; no paroxismo
Rugê a vingança, rouxinóla o amor.

Toda a alma humana lala em sua fala;
E ella, a sorrir, enche de céo o abysmo
Do coração, em que soluça a dor.

Junho-1893.

VALERIO MENDES.

CHRONICA DOS LIVROS

A proposito de um livro do Dr. Francisco de Castro

O director da "Semana," de uma vez que subi os cento e um degráos que separão a sala da redacção do resto do mundo, meteu-me nas mãos uma brochura e disse:

—Escreve-me alguma cousa sobre isto.

Lá se vão quinze dias e ainda não satisfiz o pedido de meu amigo. Tambem não era facil a tarefa que, sem maior reflexão, acceitei.

O livro tinha o seguinte titulo, na capa:— "O invento Abel Parente, no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica" e trazia a assignatura de um homem illustre, o Dr. Francisco de Castro.

Mesmo no bond, caminho de casa, comecei a leitura, tendo antes aparado o lapis, companheiro inseparavel do critico. Desde que o director da "Semana" me arvorára em tal, era preciso ao menos que a exterioridade correspondesse á luncção.

Fiz a leitura, recommendada pela artinha, e vi que no livro o autor delende um despacho que proferio, como autoridade sanitaria, nesta cidade, em requerimento apresentado por um clinico. Como é facil de se comprehender, muitas considerações foi-me a leitura suggerindo, que o lapis, em garatuja ia fixando á margem das paginas.

Tinha, ao fim, todos os elementos para a elaboraçao do artigo promettido, se o quizesse, ou antes, se o pudesse escrevel-o. E havia muita cousa a dizer.

Uma observação preliminar e generica me despertou desde logo a leitura do livro.

Anda-se por ahi a dizer que no Brasil não se estuda, que o nosso atrazo cultural só é comparavel ao de certos paizes africanos, de cuja existencia se sabe apenas pela indiscreção dos compendios de geographia.

A depressão sensivel de nossa mentalidade, não trabalhada por cultivo algum, a infelicidade completa dos poucos que se salvão

da nihilidade geral, são phenomenos a que os sociologos vão, sem protesto, dando fóros de axioma.

Entretanto, penso que assim não é.

Não me empenharei em larga demonstração de minha contradicta.

Apenas salientarei alguns factos.

E' certo que, por amor da arte, por simples devoção, é raro que bons livros se façam. Não me refiro aos livros puramente litterarios, dos quaes já vae o nosso mercado sentindo certo incremento, significativamente assignado pelo apparecimento de editores. Refiro-me aos trabalhos scientificos. E' certo que elles raros vêm á luz quando uma circumstancia extraordinaria não determina esse apparecimento. Mas, agita-se por ventura um pleito forense; o advogado recebe os autos para apresentar "razões finais" e apparece com os "Actos inconstitucionaes do executivo e do legislativo ante a justiça federal," formando um livro que é, nada mais, nada menos, que um magistral tratado em que importantes questões de direito publico são estudadas e discutidas com uma proficiencia que desafia os mestres. O Instituto dos Advogados propõe, sobre uma questão de fóros, por exemplo, uma these para discussão; um membro da illustre corporação é designado relator e depõe poucos dias depois, sobre a mesa da directoria uma bellissima e erudita monographia acérca do direito emphyteutico em geral e nas suas applicações ao dominio territorial deste districto, que poderia, com honra, ser apresentado a qualquer corporação juridica das mais notaveis do velho mundo; um medico dirige a uma autoridade sanitario-administrativa, um requerimento concernente ao uso legal de sua profissão, o despacho soffre censura, e, em opposição a essa critica, vem a publico o funcionario e exhibe, nada mais nada menos, que um estudo completo acerca de um melindroso problema social, encarado sob todos os pontos de vista, com uma segurança de pulso e um conhecimento de causa que denuncia o escriptor seguro de sua penna, o estudioso confiado de seu talento.

Esses factos aos quaes não seria difficil incorporar outros e outros, destroem o axioma do abaixamento da mentalidade, da impotencia productora.

Antes deveriamos procurar a explicação de nossa pequena productividade scientifica e litteraria em certas condições mesologicas, physicas e sociaes: o clima, que não convi-da ao trabalho, a pouca repercução que, em geral, de qualquer esforço dessa natureza se manifesta, que menos estimula ainda.

Mas, desde que, dadas certas circumstancias, a productividade se opera em manifestações da ordem das apresentadas, pelos Drs. Ruy Barboza, Carlos de Carvalho e Francisco de Castro, a que acima me referi, um estado social em que taes phenomenos se observão não pôde ser considerado de infima cultura, nem de baixa mentalidade.

Outra consideração que tambem desde logo se avolumou em meu espirito, á leitura do livro do Dr. F. de Castro, refere-se ao modo porque foi a obra capitulada.

O notavel professor da Faculdade de Me-

dicina dotou nossa litteratura scientifica com um trabalho completo acerca da grave questão do impedimento á livre gestação natural da mulher, nelle nos expozdo, proficientemente, a theoria da esterilisação, da infecundação da companheira do homem, apreciada sob todos os seus aspectos.

Pois bem, á sua monographia, erudita e desenvolvida em linguagem castiça e brilhante, foi dado um titulo que apenas traduz referencia a uma questão pendente, que personalisa o estudo e, na apparencia, diminui o valor da obra; com lhe emprestar significação restricta e determinada a um certo caso especial.

A verdade, porem, é que o caso Abel Parente apenas foi pretexto para o trabalho do Dr. F. de Castro. O livro tinha direito a outro titulo, não lhe cabe aquelle rotulo que faz pensar que elle não vem senão fazer concorrência aos "recursos para attrahir clientela" que o despacho do chefe da Directoria Sanitaria apenas vio nós annuncios do Dr. Abel Parente.

Não é isso, porém; o trabalho é dividido em tres partes conforme o problema que nelle se estuda é visto pelo criminalista, pelo philosopho e pelo medico. A primeira parte occupa dois capitulos em que se trata do "aborto criminoso" e da "castração, mutilação e lesões corporaes". Apesar de embrenhar-se o autor por "uma face do assumpto, nada familiar aos seus estudos" sahio-se galhardamente da empreza. Sob o ponto de vista da criminologia a questão é perfeitamente elucidada; todos os codigos são passados em revista e dos commentadores se trouxe o conceito opportuno ao caso estudado.

A ultima parte, aquella em que se estuda o ponto de vista da medicina clinica e são expostas as "indicações medicas" que se referem ao problema, igualmente, até onde pôde chegar o meu conceito, foi tratada com mestria. Em auxilio de sua opinião, nessas paginas desenvolvida, o autor trouxe o curso das mais notaveis celebridades medicas do mundo e, na vasta seára da sciencia experimental, respigou as observações com que illustrou a sua exposição.

Não é porém, incondicional o meu applauso quanto á parte media do trabalho. Aqui falla a saledoria dos povos, que "in medius" quer ver a virtude. O capitulo em que a questão é encarada em face da moral publica poderia retratar um canto da physionomia social da grande capital européa; não se o poderá considerar como palpitação verdadeira da vida de hoje, exluherante e sadia, deste recanto despovoado da America.

Não acompanho o philosopho na apologia que faz da transformação da continencia malthusiana na systematisação das fraudes conjugaes, dos elementos preventivos da productividade humana.

Não ha duvida que nos casos especiaes em que a funcção geradora se houver de manifestar fatalmente, ou mesmo provavelmente, com perigo de vida para a creatura procreadora, ou com a expectativa de soffrimentos e desgraças, transmittidos pela herança, ou pelas condições da gestação ou do parto, para a creatura procreada, será um

beneficio inestimavel a eliminação dessa funcção. Mas, sómente no caso particular, como remedio á excepção pathologica. Como regra geral, como solução commoda para a impertinencia da filiarada, como simples causa da cohabitación impropolifica, não! nem mesmo que me queirão donrar a theoria com o aspecto economico de que a unica solução satisfactoria do problema da população está, não em confiar na mortandade, mas em reduzir os nascimentos.

Para nós, vasto paiz sem habitantes, é muito cedo para cogitar nas consequencias do excesso da população. O problema que nos occupa é justamente o inverso.

Além disso, estamos em um tempo, em nossa terra, em que se apontão com louvor os pais de doze filhos, e, só a precoce corrupção da nossa Capital poude, muito limitadamente ainda assim, ter trazido entre nós, a cogitação systematica dos meios profilaticos da concepção no casamento.

Em todo o caso, diga-se em abono da verdade que, se o autor, no desenvolvimento do seu estudo espósa com enthusiasmo o malthusianismo transformado, a sua opinião, consubstanciada é que, desde que a procreação possa em casos frequentes e inevitaveis, converter-se em infortunio, em agonia, em maldição e em morte, paralyzando a gestação na sua fonte, a sciencia é bemfeitora da humanidade, a sciencia observa para com ella os seus deveres.

Isso, mais ou menos, eu diria e muitas outras observações faria, a regular pelo que o meu lapis foi fixando na garatuja que deixou á margem das paginas do livro, e que eu desenvolveria se por acaso tivesse de escrever alguma cousa sobre elle. Mas, depois de finda a leitura, pensei melhor, reconsidererei a resolução primitiva. A obra é séria, depende de serio estudo, que não posso fazer, de critico só tendo o lapis, aparentemente perpicaz e na realidade apenas rabiscador.

O director d' "A Semana" que veja quem possa competentemente desempenhar-se da incumbencia: declino della.

Deliberei flutear "A Semana"; não escrevo o artigo.

RODRIGO OCTAVIO.

Rio, Agosto, 93.

LIEN-HOA

Por uma manhã de Maio, fresca, palpitante de ninhos e enflorada de lotus, elle, o poeta "exquis," poeta da graça e dos versos trincolajantes de rimas novas, deixando no caminho em festa o palanquim dourado que quatro servos acabam de depôr na calçada, entra apressadamente no jardim e em seguida no pavilhão de Lien-Hoa, a bella flôr chinesa de olhos obliquos e feição graciosa.

Encontra-a no salão azul, cujas paredes desaparecem sob pinturas a fresco, representando quadros historicos e sob a grande variedade de ventarolas de seda e coloridos autographos.

Do tecto esculpido pendem esferas prismaticas, n'um concerto de cores vivas, n'uma harmonia de crystaes iriantes.

A mobilia é singela como a de todas as habitações do celeste imperio: uma grande mesa, algumas cadeiras em

redor della e ainda, a um lado, uma pequena mesa delicada, com incrustações de marfim, onde se colloca todos os dias, duas ou tres vezes, o bello serviço de porcellana para o chá.

Sobre a grande mesa rutíla á luz matinal, que entra em borbotões pelas janellas escancaradas, um fino espelho de preço: riem flôres n'um vaso artistico e um rico incensório, collocado bem ao centro do movel, como que pede ao visitante se digne de indicar qual dos dois objectos allí é o mais precioso: si elle com as suas incrustações de bronze luzente e caro, si o relógio de ponteiro de ouro e esphera de madreperola raiada com seus rendilhados foscos e o seu pedestal de marmore rosco.

O visitante que entra naquella aposento áquella hora matinal do dia, de certo detem-se á porta, surpreso de tanta luz e tanta alegria—luz que vibra um delicioso hymno cantante—alegria de passaros papando fóra, dentre os enflorados ramos e cujos gorgeios—vozes flebeis e doces, vibrações sonoras e quentes—entram, com o sol, pelas janellas abertas de par em par, invadem a sala alegrando-a, rumorizando-a toda...

A atmosphera prende logo o espirito, o olfacto do visitante e canta allí dentro um mixto de perfumes suaves—kananga e corylopsis—o perfume dos seios virgens, dos seios pequeninos e immaculos.

Mas, quem empresta, talvez, maior brilho áquelle ninho com a claridade do seu rosto alvo, mas sempre triste, com o fino aspecto do seu corpo flexivel como um vime, com a sua voz gorgoleada a medo, é ella, sem duvida, ella, a formosa Lien-Hoa a amante querida do poeta.

E, no entanto, sentada a um lado, com os pequeninos pés graciosos mettidos em sandalias azues, bordadas a missanga e perolas, ella scisma.

Parece presa de um pensamento doloroso, porque, de quando em vez, leva o lenço aos olhos e limpa duas lagrimas que brilham nos seus ciliós de ouro como duas radiosas gotas de orvalho crystalinas e puras.

Mas por onde voeja assim o seu espirito de mulher moça e amada, nessa hora em que a manhã entreabre todas as suas urnas de essencias e esflora todos os seus cantos ridentes?

Em que scisma a chinesa nessa hora em que Maio pompeia toda a sua gala e o sol expande todo o seu fulgor?

Pensa no amigo querido? Pensa no azul doce e extenso do paiz natal ou nos chalets floridos, nos lagos placidos ou ainda nos kiosques poeticos á sombra dos salgueiros murmuros e dos bambús?

Ninguem o sabe dizer, ninguem; nem mesmo o poeta que tem unida a sua alma á da moça, nem mesmo o amigo que fez do seu coração quasi infantil o cofre de ouro dos seus segredos de moço.

E a chinesa soffre, soffre uma dor occulta que lhe descora as faces e torna-a, de dia para dia, de uma tristeza immensa... e é por isso talvez, que o poeta, nessa manhã, tenta ainda uma vez colher á flôr da sua bocca pequenina e rosea a confissão pedida da sua magua infinita.

— Bella flôr dos jardins chinezes, ha tanta pallidez no teu rosto descorado e triste que eu soffro... Porque não abres o teu coração á minha palma para que ella conheça os segredos da tua magua e a noite escura da tua dôr? Lien-Hoa, a flôr que tem o teu perfume eo teu

nome, abre o seu seio de ambar casto e luminoso aos quentes beijos do Sol e ás lagrimas da Lua...

A moça volve para o lado do poeta o rosto pallido e responde triste, muito triste:

— Mas vem um dia em que o Sol se affasta do seu caminho e a Lua, a bella deusa dos poetas, não tem mais lagrimas para derramar no seu seio. A flôr de lotus então morre de sêde e amor...

— Lien-Hoa! Lien-Hoa! O meu amor não se desvia nunca do seu caminho de sonhos e a minh'alma terá sempre para a tua alma o rocio das lagrimas que purificam.

A bella chinesa estende-lhe a mão flexuosa, de dedos de marfim polido e unhas roseas, que elle beija com ciúme. Em seguida, ella mesma arrasta uma cadeira para junto da sua e faz signal ao poeta para que se sente.

Elle obedece e leva ainda repetidas vezes aos labios as mãos da moça e beija-as...

— Meu bom amigo, queres ouvir uma lenda do meu paiz natal?

— Si quero? Outra cousa não peço bella flôr, que me perfumas a alma!... Nem desejo outra cousa, por Budha o juro!...

— Ouve, pois.

E com a sua voz flebil de ave timida, Lien-Hoa começa:

— Havia outr'ora na China um poeta de nome Song-U que errava, a sós pelos caminhos, a colher rimas e inspiração para os seus versos. Outras vezes viam-n'o á sombra dos bambús e á margem dos lagos fallando aos ninhos e mirando-se no vitreo espelho das aguas. Que doces fallas dizia elle ás emplumadas habitantes dos ramos? Que buscava Song-U no fundo claro dos lagos?

Soubese mais tarde: Song-U procurava vêr nestes o rosto da bella Tien-Ho, e indagava dos ninhos quentes quantas vezes ella, a formosa habitante do chalet de porcellana, passava por allí... por essas estradas floridas. Si elle via o rosto de Tien-Ho nas aguas, não sei dizê-lo, nem elle mesmo soube confessar, como não sei dizer se as aves respondiam ás perguntas curiosas do poeta.

O moço sorriu levemente e ella não se deteve.

— “Apenas direi que Tien-Ho o amava ardentemente e cahiu doente um dia, justamente naquelle em que Song-U a pedira em casamento aos parentes, que o despediram sem uma resposta, sem uma consolação...”

“Porém os seus corações viviam juntos, amavam-se tanto, e mais tarde, quando em toda a China se celebrava a festa das estrellas, os amantes fugiram para uma terra desconhecida, longe, distante do seu pavilhão de porcellana...”

“Queriam-se muito as duas andorinhas fugidias, tinham um ninho tepido, cercado de salgueiros e lagos; mas apesar de toda a sua febre de amor, Tien-Ho começou por mostrar-se triste um anno depois.

“O poeta affligia-se e a tristeza de Tien-Ho redobrava...”

— Melancholia! tristeza! disse então o poeta segurando-lhe as mãos.

— Saudade do seu paiz... saudade dos seus parentes e do seu pavilhão risonho, longe... nas longes terras da China...

— Nostalgia! Nostalgia! repetiu ainda o poeta... E depois, meu amor?

— Depois, um dia, Tien-Ho, como

não pudesse soffrer por mais tempo, escreveu os seguintes versos simplicios, que deu a lêr ao companheiro:

“A flôr nasceu sob o ceu claro de um paiz benefico. Tinha os beijos de um sol para aquecel-a e dar-lhe vida.

“Mas alguém levou um dia a flôr a um outro paiz, onde ella morrerá si não voltar a alimentar-se com os beijos do Sol que a viu nascer...”

— Mas é a tua historia, Lien-Hoa, a historia do nosso amor que me contas?...

— Sim...

— Queres partir?...

A chinesa não responde.

— Queres partir, então?

— Sim...

— Amas de preferencia o sol que te viu naster ao poeta que viu a tua imagem reflectida nas aguas do lago?

— Sim...

Mas é entre uma lagrima e um suspiro que ella o diz.

O poeta ergue-se e fita-a com toda a tristeza no olhar:

— Pois bem, parte, filha, parte quanto antes. Soffres da nostalgia, a molestia por excellencia dos filhos do celeste imperio... Parte, Lien-Hoa, e adeus...

O moço caminha em direcção á porta, mas a bella filha do paiz do sol de um salto, prende-o nos braços flexiveis e tremulos pela commoção que agita todo o seu fragil corpo.

— Lien-Hoa, diz ainda o poeta, queres partir, preferes o sol que te viu nascer ao poeta que fallava aos ninhos dos ramos e ás aguas dos lagos azues?

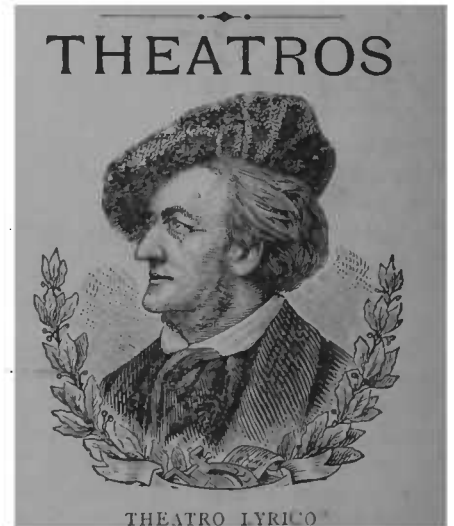
A chinesa fita-o tristemente, mas nesse olhar diz-lhe tudo o que o seu labio tremulo não repete...

— Pois bem, parte... parte... Só assim a flor de Lotus não morrerá... Mas ouve; o meu amor—o sol, esse nunca se desviará do seu caminho de sonhos. Adeus, Lien-Hoa... Lien-Hoa, adeus...

E aproveitando a presença da criada que entra com o serviço de porcellana para o chá, o poeta arranca-se dos braços da moça e sae a correr da sala e depois do pavilhão da bella flor chinesa, mas suspirando sempre na sua vez tremula pela commoção e pela infinita saudade:

— Adeus, Lien-Hoa, Lien-Hoa, adeus!...

LUIZ ROSA.



O problema wagneriano não está ainda resolvido no Brasil. As genias, mas transcendentissimas operas do grande maestro de Beyreuth, não encontraram completa receptividade psychica por parte do nosso publico.

E isto não deve ser apontado como grave falta; sabemos que o wagnerismo triumphou em Paris sómente n'estes ultimos dous annos, após muitas tentativas, e o publico francez está, é incontestavel, em gráo de adiantamento cultural, e incomparavel ao nosso que, sejamos francos, não passa de simples balbucio.

Habitudos á melodia, por muitas vezes nimiamente banal, das operas italianas e mesmo allemãs, o nosso

dispensa. Com effeito, no "Tannhauser" ha a equitativa distribuição de importancia á parte scenica, á parte coral e á parte orchestral.

Essa distribuição, porém, não se nota de modo tão igual no "Lohengrin", em que a orchestra tem a parte mais saliente, e em que ha trechos que, para os que não se acham preparados, parecem de monotonia monstruosa, sendo ainda para notar a extensão de muitos d'elles, cousa com

grande artista; na *preghiera* do 1º acto esteve sublime e digna dos mais calorosos applausos no dueto do 2º acto, e no do amor. A Sra. Gabbi provou ter entendido o poema, e, por isso, den-nos uma Elsa francamente wagneriana.

D'aqui repetimos as nossas palmas.

De Marchi portou-se admiravelmente e esteve digno dos applausos que obteve.

Camera desempenhou, tambem, a



Maestro Marino Mancinelli

publico custará a comprehender e a saborear as bellezas d'um poema de Wagner. A sua educação; estou certo, far-se-á; os frequentadores reconhecerão a superioridade extraordinaria do genial reformador da musica, mas esse trabalho evoluirá gradativamente e não será, lóra tolice pretendel-o, obra de uma só audição.

O "Tannhauser", drama musical mais nos moldes da escola nossa conhecida, firmou-se nas primeiras noites e logo foi collocado no numero das operas que o publico fluminense não

que não se coaduna e o nosso povo ávido sempre de variedade.

A' vista d'estas rapidas razões não tememos que nos tachem de paradoxaes se dissermos que o "Lohengrin" foi *sinceramente* applaudido por algumas pessoas e que os *bravi* que irromperam em toda a sala do Lyrico foram em parte uma affectação!

O desempenho foi magistral, cabendo as honras da noute ao extraordinario maestro Marino Mancinelli.

A Sra. Adalgisa Gabbi, mais uma vez confirmou os seus creditos de

sua parte com a gallardia que lhe é habitual, salientando-se na scena do pateo.

Não nos satisfz completamente o desempenho da Sra. Leonardi.

Rossi e De Grazia estiveram excellentes.

Os còros afinados e correctissimos.

Propositalmente deixamos a orchestra para o fim d'esta rapida noticia. Para o fim, pois que desejamos registrar a nossa admiração pelo gigantesco trabalho de Mancinelli, o heróe da noute. O preludeo foi pro-

digiosamente, é o termo—executado, e d'este módo toda a partitura; não houve a mais ligeira descalhada; o trabalho foi d'uma impeccabilidade incrível! E deve-se reconhecer que esse resultado sorprendente foi obra de Marino Mancinelli.

E assim, em homenagem á justiça, acompanhamos os nossos collegas do *Jornal do Commercio* exclamando: *Salve, Mancinelli!*

FLAMINIO.

O ALFAGEME DE SANTAREM

Sexta-feira, 18 do corrente, representou a companhia portugueza que trabalha no theatro S. Pedro de Alcantara o drama historico original de Almeida Garret, *O alfageme de Santarém*.

E' sabido que a peça, comquanto não seja a melhor do theatro de Garret, figura entre as suas mais bellas composições, quer pelo valente sopro de patriotismo que a anima, quer pela feitura das scenas, quer pelo primor castiço da linguagem—velho ouro de lei, cuja musica é uma delicia ouvir.

A recita era em beneficio de João Rosa, que desempenha o formosissimo papel de padre Froilão, uma das mais altas, mais nobres e mais sympathicas figuras do theatro de Garret.

João Rosa deu-lhe interpretação quasi perfeita, fazendo-o com correção, sobriedade, naturalidade e sentimento de um grande artista.

Só no terceiro acto, nas scenas em que se ergue para defende o alfageme deante de condestavel desejarámos menos vigor, menos impeto, pouco justificaveis num velho, paralytico, alquebradissimo.

Brazão, comquanto nos pareça haver carregado um tantinho o caracter austero do personagem, tornando-o frio em scenas de expansão sentimental com Froilão e Alda, deu-lhe um alto e nobre relevo artistico.

Rosa Damaceno não foi a Alda idejada por Garret; achamol-a menos bem sempre que sae das ingenuas rusticas. Disse porém seu papel como actriz consumada que é.

Augusto Rosa foi um elegante e cavalheiresco Nun'Alvares Pereira.

Os demais artistas—muito correctamente.

O que devéras nos encantou da representação foi o conjuncto. Raras vezes temos assistido a peças daquella responsabilidade desempenhadas com tal harmonia e afinação.

Ao illustre beneficiado prodigalisou o publico que, devido á noite borrascosa, não era numeroso, merecidos e calorosos applausos e demonstrações de apreço.

LUCINDA

Com *O primeiro marido de França* e *O lobishomen*—uma engraçada zarzuela em dois actos—vae este theatro

enchendo-se todas as noites, emquanto prepara outras novidades.

VARIEDADES

Por effeito da força magica dos *Talisman de Pirlimpimpim* succedem-se as enchentes neste theatro.

Tem o publico rasão de affluir a elle porque ha naquella peça muita cousa bella que vêr e ouvir. Em ensaios *Madame Diabo*, vaudeville fantastico de Meilhac e Mortier, musica de Gaston Serpette.

RECREIO DRAMATICO

Vae desfiando o vasto e antigo repertorio que é o mais eclectico e variado dos nossos theatros.

N'um dia dá o *Monte Christo* e no seguinte *O Bendegó* e no outro *O commissario de policia* e depois *Os ladrões do mar*. Mas já annuncia uma peça nova—o drama historico portuguez *Diogo Alves*.

POLYTHEAMA

E' difficil noticiar as novidades deste theatro, porque elle os dá todas as noites. Na primeira semana dar-nos-á a *Traviata*.

O beneficio de Tetrzzini foi uma esplendida festa.

APOLLO

Continúa a fazer successo *O Abacaxi*.

P TALMA.

PAIZAGEM AFRICANA

A JOVINO AVRES

Um sol abrazador, no occaso, desce
E dardeja, na costa, o rijo vento.
Soluça o verde mar como um lamento
E, lentamente, aos poucos, anoitece ...

Vallidê tem o olhar no firmamento,
Emquanto Allah recebe a doce piece,
E, nos seus olhos, subito apparece
A lagrima, a saudade e o soffrimento.

Caminha a caravana no deserto,
Sobre os negros caméllos estafados,
Vencendo leguas para um rumo incerto....

E a meça, revivendo o amor vehemente,
O ardente pranto dos apaixonados
Triste, derrama sobre a areia ardente....

ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO.

Factos e Noticias

Em homenagem aos altos meritos do eminente maestro Marino Mancinelli e, especialmente, ao triumpho por elle obtido com o *Lohengrin*, publicamos hoje o seu retrato.

Nos jornaes como na vida social são os pequenos os que soffrem, os que são sacrificados.

Já em o nosso segundo numero devia ter sido publicada a noticia que fizemos sobre o nosso collega *O Album*; e, no entanto não apparecem nem no 2°, nem no 3° nem no 4°.

A falta de espaço pôl-a de lado como a outras companheiras, para deixar logar aos artigos. Mas desta vez, resgatamos as culpas accumuladas, agradecendo o recolhimento das ultimos numeros d'*O Album* e as amaveis expressões com que registron o nosso reaparecimento. O n. 33 deu o retrato do director d'*A Semana*, acompanhado de um bom artigo biographico da lavra de Lucio de Mendonça, o n. 34 den o retrato do constructor Januzzi e o n. 35 o retrato do nosso Fontoura Xavier, com uma ligeira biographia do punho de Arthur Azevedo.

E' *O Album* uma publicação interessantissima, que recommendamos com calor ás pessoas de bom gosto.

O ultimo numero d'*A Estação* é um primor. Muito obrigados pelas amabilidades dispensadas á *Semana*.

Temos a satisfação de annunciar aos nossos assignantes que, accedendo ao convite do nosso director, prometteram-nos sua collaboração: o Dr. Ruy Barbosa, o eminente juriconsulto e homem de letras que é uma gloria brasileira, immortal em vida; Machado de Assis, o mestre de todos nós, velhos e moços que tratamos letras, e o Dr. Eduardo Prado, o *touriste* de fino e educadissimo gosto e incomparavel humorista.

Aguardando a occasião em que teremos de honrar as nossas paginas com os seus trabalhos, apresentamos os nossos agradecimentos aos illustres escriptores e damos parabens aos leitores d'*A Semana*.

Graças á gentileza do nosso collega do *Rio News* tivemos occasião de apreciar o n. 107 do *New York Daily Gazette*, o primeiro diario que se publicou em New York, datado de 1° de Maio de 1789. Traz a primeira mensagem do presidente Washington ao primeiro congresso americano. E' um curioso documento digno, portanto, de ser attentamente lido, e que talvez não haja figurado na grande exposição da Imprensa, ha pouco realisada em Bruxellas.

Temos o prazer de annunciar que entrou para a redacção d'esta folha o nosso joven e talentoso collaborador Luiz Rosa.

Obteve o premio offerecido pelo Instituto dos Advogados, ao autor da melhor dissertação sobre a the-e por elle posta a concurso, o nosso illustrado collaborador effectivo Dr. Rodrigo Octavio. O premio é uma medalha de ouro. Parabens.

Falleceu ante-hontem o Dr. José Julio de Albuquerque Barros, barão de Sobral, eminente jurista, que occupou no imperio como na republica cargos elevadissimos na admioist açõ e na magistratura.

CORREIO

DR. CAIPHAZ—Qual Caiphaz o que, homem de Deus! Herodes é que você me parece! Herodes da poesia! Na que me mandou encontrel cousas que causaram verdadeiro horror! É um massacre! Que açongue de rimas! Aquel encontra-se um hemestichio com as ventas em papos! Acolá um verso esquarterjado! mais adiante uma rola afflicta; em seguida duas rimas moidas pelinda misericordia, logo depois uma brisa soluçante, além uma estrophe com as tripas de fóra!... Emfim, o diabo. Parece á gente que o Sr. metrificou a Maria de Macedo e nol-a enviou, servindo-se do corrio como do Sol Posto! Livra! Olhe, quer dar no vinte? Mande esta tripa toda para Santa Cruz! É um conselho de amlgo!

SR. ANTHUR MORAES—O seu sonetillito agradou-nos. Dal-o-emos na primeira oportunidade. Realmente tem algum merito o seu trabalho. Fazer um soneto com versos de uma só syllaba não é marimba! É menos marimba é quando se consegue esta Africa sem dizer tolice.

SR. BEL-DIABO—Começarei por pedir-lhe uma cousa: que mude de nome. Este não lhe fica bem. Qual "Bel-Diabo" nem qual nabijas! O nome de "Bel-Droegas" é que lhe assenta mesmo como uma luva! Comece a dar pelo nome de "Beldroegas" e verá como se ha de lumber de gosto a sua beldade!

Passemos agora á sua futrica rimada. Chamou-a o amlgo "Céo nevoento". Pois não! Céo nevoento, aquillo?! Ora, sou um seu criado! Aquillo é simplesmente uma puca de usneiras! Que disse eu? Upa! É uma vereadeira trepa d'asnos!

Feira de Soracaba com ella!
Cada um dos bichos que não estiver atacado de mormo, póde dar bem pataca e meia!

SR. BRITO MENDES—Logo que a "Semana" disponha de espaço para as quatorze petalas de flores que nos mandou, terá muito prazer em aromatizar com ellas uma de suas columnas.

SR. Q. P.—A sua poesia "Ao ar livre" só com farofa e molho de tomates. Para prova do que digo, basta citar esta quadra:

" Olha um'ave de azas brancas,
Olha um monte verdejante,
Olha estas arvores francas,
Olha esta flor viajante:"

E olha o diabo que a carregue! E uma figuinha torta tambem não vac?

Meu amigo, se isto não é uma lista de algum hotel "mumbica" do Parnaso, não sei então que diabo venha a ser uma lista de hotel!

Não tem que vêr:—Apollo deitou hospedaria e fez de Castalia lavadouro de pratos. Mas nem mesmo assim, o Sr. paz o seu guisado em pratos limpos!

Estava só vendo o instante em que o meu amigo cantava nos ouvidos da bella, como qualquer caixeiro de fregemoseu:

" Salta uma secca desfiada! Acompanha um china barbado!"

" Olha este ensopado de batatas com caldo de tolices que ferva!"

Sabe que mais? Sua espetada á bahiana não me agrada! Está me cheirando muito a arroz de boi sem sal!

SR. FREDERICO ROSSARD—Sim senhor, lavrou um tento. A sua poesia "Novos carinhos", mereceu os carinhos d'A SEMANA, menina que, como sabe, não é a qualquer que faz foscas. Sahirá quando for possível.

EXMA. SRA. D. PRESILIANA DUARTE—Cumprimentamos respeitosamente a gentil e inspirada poetisa, sentindo não ter um cofre digno de agasalhar as perolas rimadas que se dignou de enviar-nos! Batemos-lhe daqui as palmas, minha senhora, e antecipadamente nos congratulamos pelo prazer que sentiremos quando a A SEMANA puder dispensar um lugar ao mimo com que nos honrou e a que deu o título de "A um poeta".

Beijamos reconhecidos as mãos de V. Ex.

SR. Q. H.—Que bellezas que tem o seu soneto "Tropical"! Bellezas e enygmás. Isto, por exemplo, que quer dizer?

"Mas a rocha d'ameias immortaes..."

A rocha dá mesmo "meias immortaes"? Não creio. Ainda se fosse o Rocha! Ah! quem déra que eu possuísse meias desta especie! Ao menos licaria livre dos "dias santos" e dos remendos nas ditas.

Diz o Sr. no primeiro terno do seu soneto, depois de falar em penedos e neves:

"Essa neve e penedo fui um dia..."

Que pena!... E acrescenta, depois, sollicito, afirm de abrandar o susto da gente:

"A neve eterna em lucida agonia

Eu já não sou nem sinto se me olhas!"

Antes isso! porque o Sr. assim nevado, como dizia estar, poderia quando muito dar-nos uma cajuada. Si o Neves já não tivesse morrido, dir-se-hia que o Sr. era o Neves!

Tambem como não ficaria a densa se, ante o seu olhar abrasador, o Sr. continuasse a ser penedo! Que horror!...

Ella a olhar, a olhar, e o Sr. nem como cousa! Cada vez mais penedo! Deus o livre de tal, creatura!... Penedo e demais a mais, coberto de... Virgem Santissima!

Em todo o caso, a estar coberto por outra cousa pior, antes pela neve.

É frio, é, mas... antes assim um tampão de gelo! Só o que póde acontecer é passar o amigo por um poeta fresco.

Em conclusão: Quer saber de uma cousa? Ainda desta vez tem Vmc. de ficar "gelado"!

ENRICO.

ANNUNCIOS

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE
FLORES ARTIFICIAES

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

RUA DO PASSEIO

Tem sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas e flores, etc., etc.

LAEMMERT & C., LIVREIROS

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

CONTOS AMAZONICOS, contendo: Voluntario — A Feticheira — Amor de Maria — Acauan — O Donativo, capitão Silvestre — O Golo do Valha-me Deus — O baile do juden — A quadrilha de Jacob Patacho — O rebelde, por H. Inglez de Souza, 1 volume nitidamente impresso 3\$000.

ESTUDOS ALLEMÃES, pelo Dr. Tobias Barreto, publicação posthuma, dirigida por Sylvio Romero, 1 vol. fies de 912 paginas, nitidamente impresso, encadernado, 15\$000.

COLOMBO e o quarto centenario do descobrimento de um novo mundo, por Sophus Ruge, 1 nitido volume ornado com o veridico retrato de Christovão Colombo. Preço 2\$000.

DIAS E NOITES. Poesias de Tobias Barreto, colleção completa, publicadas sob a direcção do Dr. Sylvio Romero, 1 bonito volume brochado 3\$000, encadernado 4\$500.

NOÇÕES DE ESTATISTICA das Estradas de ferro contendo a determinação de varios elementos de estatistica e a utilização dos wagons de mercadorias pelos engenheiros Henrique Amaral e Paula Pessoa, 1 vol. ornado com 17 gravuras e nitidamente impresso brochado 2\$500.

AZULEIJOS, pequena série de escriptos litterarios em prosa e verso, ornado com o retrato do author por Cesar de Carvalho, 1 vol. bem impresso brochado 3\$000.

AQUARELLAS, contos por Olympio de Araujo, 1 vol. brochado 3\$000.

REGLAMENTO para a cobrança do Imposto do sello anotado por um advogado 1 vol. brochado 1\$000.

LIÇÕES DE POLITICA POSITIVA, por J. V. Lastarria, traducção de Lucio de Mendonça, 1 vol. com perto de 500 paginas nitidamente impresso e bem encadernado, 10\$000.

INVENTO ABEL PARENTE, no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica pelo Dr. Francisco de Castro, lente cathedratice da faculdade de medicina e director da directoria Sanitaria da Capital Federal, 1 vol. com 140 paginas 4\$000.

MICROBIOPATAGENICO da febre amarella trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington pelo Dr. João Baptista de Lacerda, presidente da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, etc., etc., 1 vol. nitidamente impresso em superior papel enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado 4\$, pelo correio 4\$500.

O MICROBIO DA MALARIA pelo Dr. F. Fajardo, preço 2\$000, pelo correio mais 500 réis. Contem um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose.

DICCIONARIO de conceitos e sentenças proferidas pelos vultos mais eminentes até hoje conhecidos ou livros de consulta para auxilio de estudiosos litteratos, por F. D. Ferreira da Silva, 1 volume brochado 2\$000, encadernado 3\$500.

66 RUA DO OUVIDOR 66

RIO DE JANEIRO.

Dr. P. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

Dr. V. Ottoni

Molestias Venereas e Siphyliticas

CONSULTORIO E RESIDENCIA

22, RUA DO HOSPICIO, 22

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

ESTABELECIMENTO

HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133, Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéos para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Grande Deposito

— DE —

**→ Pianos e
Musicas ←**

BUSCHMANN & GUIMARÃES

52, RUA DOS OURIVES, 52

Rio de Janeiro.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pelas reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chipi, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Apparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO